

A ORALIDADE COMO RECURSO PARA A AQUISIÇÃO DA NORMA PADRÃO

MARQUES, Kátia Maria de Araújo
SANTANA, Rita de Cácia Lima
SANTOS, Heribaldo Ferreira
herisaint@yahoo.com.br

BERNARDES, Ana Maria (orientadora)
Mestra em Estudos Literários, Prof^a do curso de Letras-
Português da Universidade Tiradentes - UNIT
anaber@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as contradições de fala entre a escola e os alunos das camadas sociais mais carentes, mostrando caminhos em que pode-se trilhar e achar soluções para minimizar tais problemas. Para isso, foi necessário investigar as principais causas do desinteresse por parte dos alunos. A intenção de cursar esta tarefa se deu quando se percebeu na Escola Estadual Poeta João Freire Ribeiro, a carência destes educandos, pôem em prática, competências e habilidades, que os possibilitem descobrir os meios mais lícitos e viáveis para o aperfeiçoamento da expressão oral, visto que a intenção da proposta não é modificar ou desrespeitar esse grupo de fala, mas mostrar que a acrescentam um sentido mais apurado na comunicação.

Para que isso fosse possível, o pesquisador realizou exaustiva pesquisa bibliográfica, o que deu suporte para a veracidade dos fatos. Entre vários problemas abordados no artigo, foi possível detectar que em muitos casos, a falta de estímulo dos alunos, no que se diz respeito à oralidade, parte antes de mais nada, da própria casa deles, da família, por possuir necessidades de conhecimentos para o aprendizado contínuo desses atores.

Na utilização de métodos e recursos para passar informações ao aluno que, também foi avaliado na pesquisa de campo por meio do desempenho e postura na execução dos trabalhos, com extensão à sua participação, é correto afirmar que o trabalho surtiu efeito na vida desses educandos, devolvendo a esses a auto-estima e a motivação para o exercício contínuo do projeto implantado na instituição supracitada.

Palavras-chave: Oralidade, Variante Lingüística, Norma Padrão.

INTRODUÇÃO

A análise da oralidade nos leva a um campo vasto, em que nos é propiciada a condição de penetrarmos em uma das funções fundamentais para a vida humana: a linguagem. Esta, segundo a função informativa, tem caráter comunicativo, exclusivo e mais elaborado do ser humano. Segundo a função representativa, esboça a linguagem interior de cada ser.

Assim sendo, a linguagem é um aprendizado contínuo e progressivo que ocorre juntamente ao meio em que se vive. Intrinsecamente ligada a este meio, está toda uma cultura que gera a formação do tipo de linguagem a ser usada por cada indivíduo. Seja o modo de falar culto ou popular, o que irá influenciar este indivíduo é o seu lar, as pessoas que nele vivem as pessoas que interagem neste ambiente, a comunidade como um todo.

Durante o desenvolvimento da criança, há a evolução psicológica, utilizando o comunicar-se para expressar suas necessidades sociais. Desde os primeiros momentos, quando a criança inicia junto ao seu grupo familiar essa interação, ela utiliza-se da linguagem como expressão de si. Ao longo do tempo em que é inserida em novos grupos sociais, ocorre uma organização dessa linguagem, ou seja, um amadurecimento influenciado por novas informações que estão sendo absorvidas. Assim, entendemos que estamos expostos a dois tipos de fala: uma anterior à experiência da escrita, a criança aumenta o seu desempenho e potencial de linguagem. É nesse momento que ela vai ser exposta à fala-padrão, sem a qual não poderá ler ou escrever.

A questão da oralidade dentro das escolas nunca recebeu a devida atenção que merece pelos educadores, acostumados a passarem conceitos que eles mesmos decoraram.

Muitas vezes o professor não respeita a individualidade de falar de cada um, cerceia e gera preconceitos, mostrando a faceta errada da Língua Portuguesa. Dentro desta pesquisa, mostrar-se-á que há um caminho longo que passa pelo respeito e pela respeitabilidade de cada ser único. Há de se propor uma mudança para que haja n futuro pessoas que se expressem sem medo e sem culpas.

Analisar as dificuldades encontradas pelos alunos que estão habilitados à maneira de falar de sua comunidade, torna-se um trabalho um tanto árduo por aqueles, quando se deparam com a linguagem utilizada na escola o que para eles é algo que vem de um âmbito efetivamente estranho.

Com este levantamento, é preciso propor novos caminhos para minimizar preconceitos decorrentes do uso da língua não-padrão. Com isso é necessário ressaltar o respeito que deve se ter às origens sociais desses educandos, fazendo o resgate de valores culturais inserindo-os no convívio diário da instituição aluno-escola, o que é inconcebível o ensino de uma língua sem que este passe pela forma oral, pois é a palavra falada que estreita a relação professor x aluno, criando uma sintonia.

Diante disso, discute-se então, o papel da escola e dos profissionais de ensino assim como a metodologia utilizada por ambos, dentro do processo de ensino-aprendizagem relacionadas à fala. Entra então a questão da formação e preparo do professor. Até que pronto ele está preparado para desenvolver tais atividades? E até que pronto a escola lhe garante espaço e material para o trabalho com seus alunos? Como diante de tal quadro formar sujeitos falantes?

É nesse sentido que, os educandos sentem dificuldades de se comunicar no momento que se exige uma prática mais apurada na comunicação, uma vez que estes adolescentes ainda não conseguem se desvincular para o aperfeiçoamento da oralidade.

Logo, a escolha de se trabalhar a oralidade, parte do interesse em se descobrir o porquê das dificuldades desta ser implantada nas escolas, assim como procurar clarear a idéia para os leitores e os autores pesquisados a respeito da preocupação do tema citado. E também encontrar melhores caminhos para a prática da valorização da fala nas escolas desenvolvidas de maneira desprazerosa e direcionada, sem uma contextualização com o mundo real que rodeia aqueles que estão envolvidos em tal tarefa, ou seja, os alunos.

Este trabalho contempla a pesquisa qualitativa, utilizando a abordagem de estudo de caso, ou seja, a pesquisa será realizada através da fase exploratória onde haverá contato do pesquisador com o campo que se quer pesquisar.

Pretende-se enfim recorrer ao uso da observação da oralidade dos alunos, observação esta que será direcionada a analisar a metodologia e a atitude dos professores responsáveis por esta tarefa dentro da sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem.

Fracasso na ou da escola?

A escola pública não é uma doação do Estado ao povo, e sim uma progressiva e lenta conquista das camadas populares em sua luta pela democratização do saber através da democratização da escola. A teoria de que há escola para todos, advém da classe dominante

que veicula conceitos que não condizem com a realidade da população que espera há anos uma posição dos governantes para a melhoria do ensino no nosso país.

Logo, essa melhoria tão esperada ainda não se faz pelo fato de governantes pensarem apenas no seu bem-estar pouco dando importância ao povo do seu país, que espera pelo menos o que lhe é de direito, uma educação digna na qual poderia ser feito um trabalho de inclusão na escola e de integração social, concretizando seus discursos e desmentindo as estatísticas como pode-se notar abaixo, o que assusta tais índices publicados.

Segundo (Soares; 1995, p.9), no censo de 1980, apenas 64,7% da população de 7 a 14 anos estava naquele ano matriculada no ensino de 1º grau (e o ensino de 1º grau, pela constituição, é obrigatório, nessa faixa de idade), ou seja mais de 30% dos brasileiros entre 7 e 14 anos estavam fora da escola. E ainda as altas taxas de repetência e evasão mostram que os que entram na escola, não conseguem aprender ou não conseguem ficar. Segundo estatísticas, de cada 1000 crianças que iniciam a 1ª série, menos da metade chega à 2ª, menos de $\frac{1}{3}$ atinge a 4ª série e menos de $\frac{1}{5}$ conclui o 1º grau.

A não aprendizagem e a evasão isto é, o abandono da escola explicam esse progressivo afunilamento, que vai construindo a chamada pirâmide educacional brasileira. Essa “construção” se dá através da rejeição pela escola, das camadas populares: pesquisas têm demonstrado as relações entre origem social e fracasso escolar. Ou seja, a escola que seria para o povo é na verdade contra o povo. Como também tem sido explicada essa contradição? (SOARES, 1995, p. 9 e 10)

Quando depara-se com situações como esta, como afirma Soares, pergunta-se se realmente há educação para todos, privilegiando uns e outros não, tornando evidente os índices de evasão e repetência. Até porque a escola não se preparou e nunca está preparada para falar a linguagem das camadas populares, o que significa a rejeição destas, nutrindo nelas o

conceito de que a escola é um objetivo inalcançável e conseqüentemente legitimar o papel verdadeiro da escola perante a sociedade.

A confusão que se faz entre inserção de alunos na escola e o estudo da sua cultura é uma prática anacrônica da instituição, legitimando a prioridade aos grupos dominantes e consagrando-as, não só como uma cultura privilegiada, mas como dominantes dos conteúdos abordados pela escola. Como a própria classe dominante, denomina as camadas populares de deficiente e carente, isso só faz confirmar que estas são vitimadas por um sistema embutido numa ideologia estabelecida por uma política, que não dá um padrão de vida à altura das necessidades do seu povo.

Faz parte da ideologia burguesa afirmar que a educação é um direito de todos os homens. Ora, na realidade sabemos que isso não ocorre. Nossa tendência, então será dizer que há uma contradição entre a idéia de educação e a realidade.

Na verdade porém, essa contradição existe porque simplesmente exprime, sem saber, uma outra: a contradição entre os que produzem a riqueza material e cultural com seu trabalho e aqueles que usufruem dessas riquezas, excluindo delas os produtores. Porque encontram-se excluídos do direito de usufruir dos bens que produzem, estão excluídos da educação que é um desses bens. (CHAUÍ, 2005, p. 63)

A leitura de Chauí, em relação à exclusão e detrimento de um indivíduo em função do benefício de outro, é muito bem pontuado, ao afirmar a contradição do real com as idéias. Nesse caso, a idéia que se tem de educação é a de que se prepara indivíduos, que posteriormente dêem retornos lucrativos a uma sociedade capitalista, voltada para a produção e para o consumo, questionando um ensino promovido apenas para a competição e para o lucro e que por sua vez se fundam sobre o capital.

Assim, quem é deficiente, carente e incompetente, não questiona, não argumenta, porque não entende a linguagem das classes dominantes, e suas idéias, restringindo-se à

posição que lhes colocaram, de fazer parte de um grupo social desprivilegiado, e aculturado, negando assim comportamentos, valores, costumes, tradições comuns e partilhados.

É lamentável saber que ainda encontramos profissionais que pregam e aderem a teoria, que despreza, marginaliza, afasta, rebaixa o aluno, lhe atribuindo uma característica de predicados, resultantes de sua situação social, decorrente de fatores político-administrativos, o que vitima toda a classe popular carecendo de moradia, saúde, alimentação e uma escola preparada para recebê-la.

Nesse contexto pode-se caracterizar a escola incompetente e inoperante, pois partindo do pressuposto de que a função da escola é educar e cuidar da formação moral e desenvolver o cognitivo dos seus alunos, ela se coloca como impotente para cumprir este papel de instituição acolhedora e protetora, visto que na realidade, a escola não passa de uma instituição rotuladora, taxativa, ineficiente, incapaz de pôr em prática a função a que supostamente foi designada.

Logo, a escolha de se trabalhar a oralidade, parte do interesse em se descobrir o porquê das dificuldades desta ser implantada nas escolas, assim como a idéia para os leitores e autores pesquisados a respeito do tema citado. E também encontrar melhores caminhos para a prática da valorização da fala nas escolas desenvolvidas de maneira desprazerosa e direcionada sem uma contextualização com o mundo real que rodeia aqueles que estão envolvidos em tal tarefa ou seja, os alunos.

Portanto, torna-se válido ressaltar o interesse de se analisar os principais questionamentos a respeito da fala nas primeiras séries iniciais do Ensino Fundamental em

extensão às quatro últimas sob dois ângulos principais: o primeiro, sobre como a escola direciona tal atividade, e o segundo, sobre como se poderá melhorar este quadro, ilustrando o aperfeiçoamento de tais atividades mostrado pelos autores pesquisadores. Aperfeiçoamento este que venha construir sujeitos falantes.

A oralidade no ensino de Língua Portuguesa

Segundo Cagliari (2002, p 26), “a língua portuguesa, como qualquer outra língua tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura. Com relação ao seu uso pelas comunidades de falantes, não existe o certo e o errado lingüisticamente, mas sim o diferente”, mostrando que a postura adotada por vários professores de simplesmente desprezarem o seu aluno diz, é errônea. Muitos professores consideram-se detentores de conhecimentos gramaticais e podam o aluno que traz uma bagagem lingüística de sua comunidade gerando receios e traumas. O autor ainda acrescenta (p. 27) que, “os dialetos de uma língua são como que línguas específicas e por isso mesmo devem ser respeitadas acima de tudo”. Vê-se nestas palavras uma valorização de acordo com a maioria que se fala, pois quando se almeja uma dada posição dentro da sociedade é necessário que se fale como a sociedade exige, ou seja, seguindo regras que a gramática expõe. Este fato deve ser passado também para o aluno que deverá se conscientizar de que essa maneira de se expressar não é bem aceita na sociedade atualmente, e para ela alcançar objetivos na sociedade deve se enquadrar a esta imposição social.

Bagno (1999, p. 72), pontua “falar da língua é falar de política e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas

atitudes práticas de cidadãos, de professor e cientista. Do contrário estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso da injustiça social”.

O círculo vicioso citado pelo autor funciona de forma que a gramática faz com que a indústria do livro aumente cada vez mais. Logo, os autores buscam na “absoluta sabedoria” da gramática os recursos que lhes aprazem, concebendo teorias sobre a língua.

Diante desse panorama, percebe-se que professores impiedosos atropelam e desvalorizam esta natureza particular da língua, subestimando a capacidade de criação e atuação de seus alunos que, já são sofrendores de preconceitos e possuem dificuldades muitas vezes de aprendizagem, decorrentes de sistemas de ensino falhos e cheios de regras que fazem o aluno decorar e nunca aprender.

A língua passou a ser subordinada e dependente na gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. E os compêndios gramaticais se transformam em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidas a risca para não se cometer nenhuma “heresia”. (BAGNO, 1999 p. 64)

Com estas palavras de Bagno (1999), subentende-se: é a gramática normativa que estabelece a norma culta, no entanto, sabemos que esta existe como tal e que aquela seria um sistema de descrição dessa língua, denotando uma norma fictícia inspirada num ideal lingüístico inatingível com base no artificial.

E difícil acreditar na insistência de professores que têm a gramática como seu “guia todo poderoso”, querendo a todo custo implantar na sala de aula um método de ensino obsoleto e ultrapassado, julgando ser a melhor forma de desenvolvimento da língua dos seus alunos, sem perceber que a língua não é estática e que esta forma de ensinar português esta envelhecida e caduca.

Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio (língua por esta em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó) gramática normativa envelhece e só se renova quando vier a próxima cheia. (BAGNO, 1999 p. 67)

A metáfora usada por Bagno (1999), nessa citação, remete à idéia de que o ensino de língua foi transformada num corpo de leis para reger o uso da linguagem. Olhando por essa perspectiva, este ensino está sujeito ao fracasso dinâmico, em função da constante mudança da língua.

Os falantes nativos de uma língua sabem essa língua, mas na visão preconceituosa dos fenômenos desta, falar: *bicicreta, pranta, praca, pratão*, é tremendamente estigmatizada e anarquizada por aqueles que infelizmente têm uma visão aquém da informação. E quando se explica tal quadro é notável uma ignorância maior que o conhecimento, e assim é esquecido que a linguagem determina a condição de expressar o universo íntimo de cada um, sendo este campo vasto a ser explorado, onde encontramos todo potencial adquirido junto ao grupo social.

Com essa análise, é possível notar o quanto é complicado para o professor e para o aluno trabalharem a questão da oralidade nas aulas de língua portuguesa. Os padrões da gramática tornam-se um caminho tortuoso e estranho para o estudante percorrer.

A oralidade segundo os PCNS

A exclusão de crianças nas escolas vem contribuindo cada vez mais para a negação de um direito elementar de cidadania desses pequenos jovens, o que conseqüentemente as vitima, levando-os à pobreza, à marginalidade, alienando qualquer perspectiva de futuro para

as vítimas desse processo. A permanência garantida desses alunos na escola estaria em soluções para os problemas de repetência, o que causa a distorção de idade/série e evasão.

O investimento na área de educação como melhoria de salários, fazer valer a prioridade de aplicação na qualificação e capacitação dos educadores e fazer ajustes necessários conforme as necessidades e expectativas da sociedade no que concerne ao direito à educação de todos seriam meios viáveis que poderiam subsidiar a erradicação desse mal.

A formação continuada em serviço é uma necessidade, e para tanto é preciso que se garantam jornadas com tempo para estudo, leitura e discussão entre professores, dando condições para que possam ter acesso às informações mais atualizadas na área de educação e de forma a que os projetos educativos possam ser elaborados e reelaborados pela equipe escolar. Os professores devem ser profissionais capazes de conhecer os alunos, adequar o ensino à aprendizagem, elaborando atividades que possibilitem a ação reflexiva do aluno. É preciso criar uma cultura em todo país que favoreça e estimule o acesso dos professores a atividades culturais como exposições, cinemas, espetáculos, congressos como meio de interação social. (PCN, 1998, p 38).

Nesse sentido a plena participação social se dá a partir de tomadas medidas consistentes, que conseqüentemente fará uma transformação na sociedade como um todo e camadas vitimadas possam ser revitalizada e que tenha a condição de dominar a língua padrão através de um sistema simbólico utilizado pela sua comunidade lingüística.

A linguagem produzida por homens e mulheres como forma de se comunicarem podem trocar informações e partilharem de pontos de vista e visões de mundo e produzem cultura, e a escola é responsável pela contribuição com o aluno para o conhecimento dos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania.

Assim, a história cultural dos grupos sociais deverá estar presente na ciência da escola para que esta possa providenciar subsídios, principalmente recursos humanos

capacitados para receber e trabalhar os grupos sociais marginalizados e excluídos do processo educativo.

Partindo do pressuposto de que a língua é uma unidade composta de variedades (PCN, 1998-p. 81), o aluno que vem de uma classe social menos privilegiada, ao adentrar na escola, pode perceber a diferença da linguagem utilizada na instituição e no meio que vive, onde certamente é nesse novo meio que será vítima do preconceito lingüístico por parte de professores mal informados e despreparados, que darão conceitos nutridos pela sociedade para marcar o que não consegue aceitar como o diferente, e a que tem uma linguagem mais cuidada, refletida e cerimoniosa, e é nesse ambiente hostilizados e indiferente a sua linguagem que terá de conviver parte do seu dia e sentir o peso da imposição de uma linguagem desconhecida, que para ele, parece um outro idioma sem o direito de saber o porquê e para quê, o uso desta reforma lingüística.

A discriminação de algumas variedades lingüística, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito lingüístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avalia-ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno ao aprender novas formas lingüísticas, particularmente a escrita e o padrão da oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades lingüísticas são legítimas e próprios da história e da cultura humana. (PCNS, 1998-p, 82).

O professor que usa os “defeitos” de fala de seus alunos para justificar erros de escrita está contribuindo para a marginalização destes, que se sentem incapazes de maiores realizações. Estes conceitos fazem parte desta sociedade rotuladora que para ela, aquele que consegue falar “direito” é o melhor aluno, enquanto outro que usa a considerada forma de falar “errada” é ridicularizado e colocado de lado como problemático.

O respeito às variedades lingüísticas significa para o aluno a compreensão de seu mundo. E é dessa maneira que o professor deve se posicionar, respeitando, aceitando e mostrando caminhos; nunca impondo e cerceando os nos aprendizes. Logo:

O estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência lingüística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de língua portuguesa. (PCN, 1998-p, 82).

Com isso, a expressão oral deverá fazer parte do programa de língua portuguesa desenvolvendo papel fundamental na formação da consciência lingüística e no progresso das habilidades discursivas do aluno, fazendo da oralidade uma competência sistematicamente trabalhada nas aulas desta disciplina. É notável de forma explícita nos PCNs, a inclusão dessas atividades para que seja trabalhada pelos professores, fazendo acontecer a internalização do aprendizado.

A discriminação de algumas variedades lingüísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito lingüístico, resulta de avaliações subjetivas de grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno ao aprender novas formas lingüísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades lingüísticas são legítimas e próprias da história humana. (PCNs, 1998 – p. 82).

A importância da leitura para a Oralidade

A liberdade de expressão de um povo de uma nação poderá ser conseqüência de uma arma fundamental – a leitura, que não deixa cair por terra, a idéia de que quem ler mais poderá conhecer e lutar pela sua autonomia e expressar-se bem, usando argumentos fundamentados em veracidade, o que conseqüentemente contribuirá para o desenvolvimento de mundivisão dos leitores.

Um país como o Brasil, com tantas desigualdades sociais, inúmeras mazelas políticas, mas uma cultura heterogênea que fundiu-se de raças e ideologias diferentes, necessita tratar de seu povo com a gana do saber, a educação, que pode libertá-los dos feitores em forma de espectro dispersos por todo o país. Para a positividade da ação se faz necessário que as gerações futuras busquem o conhecimento e sejam impulsionadas a entender o mundo que cercam, o que provavelmente só acontecerá com o crescente hábito de leitura, pois só desvendamos enigmas quando o perseguimos.

Para Lindoso (2002), “o que falta é uma decisão política do governo, além de uma conscientização da população para a importância dos espaços públicos de acesso ao livro”.

A má qualidade de ensino é um forte concorrente contra a leitura no Brasil e paradoxalmente a aliada é a escola porque muitas vezes aquele que lê sente dificuldade de entender as frases e todos sabem que para ler, têm de ter um referencial e sem esse, se tornará uma comprovação dos “analfabetos funcionais”. E é nesta comprovação que percebe-se uma prática criminosa das piores, pois não mata de forma repentina e sim aos poucos, mata esperanças, mata desenvolvimento, mata capacidade, enfim, mata de forma traiçoeira os remanescentes de uma confiança depositada no que um dia se ouviu dizer que era o ponto de partida para dá um passo para o futuro.

O papel do educador é o de estimular os alunos a se tornarem leitores mais sensíveis aos apelos do texto e mais críticos em sua leitura do mundo. O hábito de leitura se forma desde cedo, em casa e na escola. Então, quem quer que esteja envolvido com educação tem obrigação de se preocupar com a formação da criança e do adolescente a partir também de sua formação como leitor.

A importância da leitura para a oralidade é a de trazer a ampliação de conhecimento do léxico da língua, condicionando o leitor a fazer aquisição de novas formas de expressões orais, o que conseqüentemente beneficiará na tarefa de trazer para o seu convívio o aperfeiçoamento da sua fala em que ficará atento aos padrões da língua acrescentando um sentido mais apurado na comunicação oral.

Letramento: subsídio para aperfeiçoamento da oralidade

O letramento é uma palavra ainda de sentido não compreendido pela maioria das pessoas, inclusive grande parte dos professores de língua portuguesa. Se uma pessoa letrada é uma pessoa erudita, versada em letras, este sentido não está relacionado à palavra letramento, uma vez que, nos livros didáticos esta palavra muitas vezes não esclarece o sentido real, mas é notável que a palavra letramento surgiu conforme fenômenos e transformações sociais e culturais que vão ocorrendo conforme necessidade do seu contexto.

Acredito que ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada culta, é conseqüência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita. (KATO, 1986, p.7)

As habilidades de desenvolver as competências de leitura e escrita seriam na realidade, o suporte que a escola poderia dar para a eficiência de produção, em que o leitor-escritor não só possua essas habilidades, mas as domine com clareza e eficácia dentro da sua mundivisão reconhecendo, interpretando e elegendo os objetivos e significados dos seus conhecimentos, ampliando estes em determinado campo do saber.

Social e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural, não se trata propriamente de

mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

O letramento, enquanto prática social formalmente ligada ao uso da escrita, tem uma história rica e multifacetada. Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. (MARCUSCHI,2004,p.16)

Nesta pauta, Marcuschi (2004), deixa muito bem claro o poder que a escrita exerce sobre a sociedade e, a necessidade que se tem de fazer aquisição dela, configurando fortes candidatos ao letramento, tendo este como um título poderoso, o que supostamente serve de suporte para enfrentar as cobranças feitas pelas práticas daqueles que manipulam o meio social.

Ao compreender a palavra letramento, estar-se-á incorporando essa palavra ao vocabulário educacional. Significa que já compreende-se que o problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é também e sobretudo, levar os indivíduos, crianças e adultos, a fazer uso da leitura e da escrita e envolver-se em práticas sociais destas.

Com isso, a relação da oralidade com esta competência se efetivará com o processo dessas práticas sociais que o sujeito poderá estabelecer no seu cotidiano uma expressão oral que condiga com o seu grau de letramento legitimando a otimização do seu aprendizado. Logo, os critérios para a aquisição desta habilidade, refletirá no contínuo aperfeiçoamento de sua oralidade.

Pesquisa de campo

Uma pesquisa feita na Escola Estadual Poeta João Freire Ribeiro, localizada no Conjunto Jardim, em Nossa Senhora do Socorro, na 7ª série do ensino fundamental, pesquisa essa feita pelo pesquisador, que logo sentiu necessidade de implantar um projeto, que vem vigorando desde fevereiro de 2003 e que até hoje é desenvolvido neste estabelecimento de ensino.

A necessidade deste trabalho se deu quando o professor envolvido com seus alunos e percebeu a carência destes educandos pôrem em prática, competências e habilidades que os possibilitassem descobrir os meios mais lícitos e viáveis para o aperfeiçoamento da expressão oral, visto que a intenção da proposta não é modificar ou desrespeitar esse grupo de fala, mas mostrar que a oralidade exige normas a serem obedecidas e que acrescentam um sentido mais apurado na comunicação.

Logo, a escolha de se trabalhar a oralidade, parte do interesse em se descobrir o porquê das dificuldades de contextualização da linguagem do aluno e a linguagem da escola.

Os alunos envolvidos nesta atividade encontram-se na faixa-etária, entre 13 e 16 anos e sentem dificuldade na oralidade quando posta ao lado da gramática normativa que o professor apregoa. Trabalhamos com esses educandos, entrevistando-os, discutindo assuntos e acontecimentos da comunidade em que residem.

Observemos aqui as falas que são contrastadas com a norma culta: segundo eles mulher é *muié*; tábua é *tauba*; prejudicar é *projidicar*; bloco é *broco*.

Notamos que estes pequenos falam de acordo com a comunidade em que residem e, quando falamos segundo a nossa variação, eles responderam que “*essa língua que os professor fala é muitho difici*”. Nesse âmbito, encontramos uma forma que parece ser o caminho para o professor, a solução do impasse parece ser o trabalho de elaboração de textos e frases contextualizadas a essa realidade vocabular, vinculando-os a assuntos posteriores, chamando a atenção para uma nova aquisição: a norma culta.

Vejamos algumas construções de fala desses pequenos:

- (a) “*os menino bateu ne mim*”.
- (b) “hoje, eu se acordei cedo”.
- (c) “tem professor que não gosta de eu”.
- (d) “*os professor não deu aula onte*”.

Percebemos em (a) a dificuldade de concordância e a substituição da preposição em por palavra desconhecida ne, em (b) ele substitui o pronome pessoal do caso oblíquo da 1ª pessoa me, pelo se, em (c) a troca do pronome pessoal do caso obliquo mim pelo pronome pessoal o caso reto eu e em (d) a total dificuldade de concordância de sujeito e predicado e a falta do som fonético de m no final da sílaba da palavra ontem.

Torna-se complicado explicar ao aluno, expondo lhe regras gramaticais para solucionar tal problema. Mas pode ser constatado que, quando esses alunos são trabalhados a partir de textos que eles mesmos criem, a detecção das próprias dificuldades é mais fácil. E a partir do momento em que ocorre essa auto-correção, o aluno desperta para as suas diferenças e aponta seus próprios caminhos.

Tendo em vista o objeto de estudo: “A fala” do estudante e de seu grupo social, foram desenvolvidas atividades e avaliação paralelas à gramática permitindo que o discente percebesse mudanças que são importantes na sua inter-relação oral.

Sabendo da carência afeto-social e econômica desses alunos e da dificuldade de acesso ao conhecimento dos padrões da língua, houve necessidade de desenvolver novos métodos pedagógicos para estimular os alunos a descobrir a diversidade lingüística da língua portuguesa.

A produção de trabalhos diferenciados e construtivos ajudaram muito no resultado ensino-aprendizagem em que foi obtido positivamente, de forma que são alunos aperfeiçoassem a fala padrão espontaneamente, com fácil compreensão, apreciando as tarefas realizadas sem perceber que neste momento estavam lhes sendo impostos regras e normas gramaticais. E para a depreensão perfeita do conhecimento, foi enfatizada e valorizada a auto-estima dos educandos através das atividades executadas somando a essas, a interdisciplinaridade gerando bem-estar e otimização social, obtendo resultados satisfatórios no referido projeto que trata da oralidade

O trabalho nesta escola com os autores foi dividido em três etapas:

Primeira etapa

Nesta foi articulado uma entrevista com os educandos para analisar-lhes com clareza a fala, fazendo-os perceber onde poderiam melhorar. Nessa entrevistas, de imediato todos

perceberam quais pontos trabalhar e empreender o trabalho. Animados, todos se prontificaram a colaborar depois de longa conversa que explicava-se os benefícios que teriam durante e no final de todos os trabalhos.

Segunda etapa

Já sabendo o que se ia explorar em sala, trabalhou-se alguns textos, músicas que ajudou bastante a compreender o processo de aprendizado, motivando todos os participantes a trazer anotado em seu caderno expressões de fala próprios de sua comunidade. Essas expressões eram expostas ao conhecimento de todos e reconstituídas paralelos à normas padrão, fazendo-os perceber as variações lingüísticas de nossa língua. Usou-se reportagens de jornais, revistas, documentários, trechos de telejornais, debates de assuntos diversos com extensão às aulas expositivas através de cartazes confeccionados pelos educandos.

Terceira etapa

Na terceira e última etapa foi quando descobriu-se o verdadeiro interesse dos participantes quando saíram às ruas em atividade extraclasse para marcar dia e hora para entrevistar pessoas da comunidade. Nos dias acertados visitou-se todos que se prontificaram a receber os entrevistadores em que todos conversavam de maneira informal, e à medida que iam conversando, todos os alunos envolvidos e curiosos anotavam vocábulos e formas de expressões que se contapunham e se diferenciava do seu novo aprendizado o que foi muito útil para todos, visto que foi perceptível a todos de forma explícita, a presença de falantes nativos inseridos na nossa língua.

Da avaliação

O trabalho desenvolvido alcançou grande êxito em que todos objetivos foram atingidos, levando o aluno a mostrar desenvoltura e domínio na sua oralidade. Os participantes dessas atividades descritos em páginas anteriores se empenharam com afinco e, então se esforçando a cada dia no que diz respeito à perfeição da fala. Esse esforço se dá através de perguntas e curiosidades sobre palavras, termos e concordâncias que esses ainda têm dúvidas.

A avaliação foi feita através de conversas informais, entrevistas, dinâmicas em sala e extraclasse, incluindo exercícios orais e escritos (passar um texto com variantes lingüísticas para a norma padrão). Em cada etapa era notável a evolução do aprendizado. Logo, estes jovens faziam auto-avaliação, mostrando a diferença de sua expressão oral antes das atividades e depois. Ao passo que atuava com a auto-avaliação, interagiam com os colegas de forma segura e natural.

Todos os alunos envolvidos nestes projeto mostraram-se com efetivo desempenho e entusiasmo na realização das tarefas. No que pese a todos, se encontravam conscientes que fariam um trabalho diferente, beneficiando o desenvolvimento de depressão de outras disciplinas.

Através de métodos e recursos utilizados para passar as informações ao aluno que também foi avaliado por meio do desempenho e postura na execução dos trabalhos, com extensão à sua participação e comportamento, é coerente afirmar que o trabalho é rico em

conhecimento e que a instituição onde foram desenvolvidas tais atividades, fará destas atividades uma constante na vida escolar dos alunos desta série.

CONSIDERAÇÕES

Não há dúvidas de que o aluno usa sua língua materna, espontaneamente para se comunicar no dia-a-dia. Porém, sabe-se que isso não é bastante. Ele precisa ter conhecimento da língua padrão que é vinculada em textos literários, jornais e científicos.

Entende-se que ensino de língua portuguesa tem por finalidade instrumentalizar o aluno através do conhecimento do seu próprio idioma, a fim de que este seja capaz de relacionar-se plenamente com o mundo que o cerca. Logo, este ensino está centrado na exposição de teorias gramaticais, que se mantêm como modelos apresentados na gramática. Estas normas são impostas em quase todas as instituições de ensino e consagradas pelos professores. Eles as utilizam para minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos, porém, os resultados de provas e exames, freqüentemente citados e criticados pela imprensa e pelos meios educativos, revelam o quanto a linguagem empregada pelo aluno está distante da desejada pelos professores: a norma padrão.

Analisar as dificuldades de oralidade encontradas pelos alunos que estão habituados à maneira de falar de sua comunidade, torna-se um trabalho um tanto árduo por aqueles, quando se deparam com a linguagem utilizada na escola, o que para eles é algo que vem de um âmbito efetivamente estranho. É inconcebível o ensino de língua sem que este passe pela forma oral, pois é a palavra falada que estreita a relação *professor x aluno*, criando uma sintonia.

É necessário que o professor de língua portuguesa seja comprometido e principalmente, capaz de mostrar ao aluno no que saber português é mais do que memorizar

regras gramaticais e viver perseguido pelo medo de escrever errado. O aluno deve sentir-se dono da sua própria língua, à vontade para usá-la e pensar sobre ela, capaz de dominar sua expressão oral com autonomia.

Com esse levantamento, é preciso propor novos caminhos para minimizar preconceitos decorrentes do uso da língua não-padrão. Com isso é necessário ressaltar o respeito que deve-se ter às origens sociais desses educandos, fazendo o resgate de valores culturais, inserindo-os no convívio diário da instituição aluno-escola.

O indivíduo se comunica principalmente por meio de palavras em que pode-se notar marcas irregulares de oralidade que não condizem com a norma padrão. Portanto, é importante para os professores que lidam com a disciplina, revejam o resultado obtido pelos alunos, com um ensino voltado para imposição de regras gramaticais dissociadas de um contexto, sem lhes permitir uma veracidade no enunciado.

Acredita-se que o professor é capaz de mostrar ao aluno, toda magia e a beleza da sua disciplina, desde que, este a ministre de forma criativa, inovadora, integrada à realidade. Este deverá buscar alternativas para que seu aluno possa transformar suas informações em conhecimentos, fazendo este perceber a riqueza de diversidade lingüística de sua língua e transforme-o em sujeito-falante, poliglota de sua própria língua, utilizando este recurso na construção de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua materna; letramento, variação e ensino**. Marcos Bagno, Gilles Gagné, Michel Stales – São Paulo; Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico. O que é, como se faz**. 28ª edição. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

BRASIL/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília; MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetação e Lingüística**. São Paulo; Scipione, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia** - Marilena Chauí – São Paulo. Braziliense, 2005. (coleção primeiros passos; 13)

KATO, Mary A. – **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolingüística**. São Paulo; 1986 (Serie Fundamentos)

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a pratica social da escrita**. Campinas, SP; Mercado de letras, 1995.

KOCH, Ingedore Grufeld Villaça. **Argumentação e Linguagem** – São Paulo; Cortez 1987.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo 2001 - 15ª edição, Editora Ática.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Da folha para a escrita: atividade de retextualização** - 5ª edição – São Paulo; Cortez, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de Linguagem e ideologia** – 2ª edição revista e ampliada. São Paulo; Cortez, 1996.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva Social** - 2ª edição. Editora Ática. 1995.

http://www.aeso.br/oxente/anteriores/2/dois_opiniao_leitura.htm (05/02/2006)

<http://www.consultexto.com.br/salaleitura-ler.asp?num=9&tipo=a> (12/02/2006)

<http://www.aeso.br/biblioteca/noticia/enquete.htm> (12/02/2006)

ANEXOS

Vocabulário da comunidade de fala pesquisada

adevogado – advogado.
amalero – amarelo.
as veis – às vezes.
barrer – varrer.
baticum – barulho.
bicicreta – bicicleta.
cada quem – cada qual.
canso – câncer.
culé – colher.
documento – documento.
dez real – dez reais.
dificuldade – dificuldade.
dispois – depois.
doidho – doido.
embulança – ambulância.
entonce – então
fofi – fósforo.
foia – folha.
frever – ferver.
galfo – garfo.
ingual – igual.
liquificador- liquidificador
mode que – porque.
na zureia – na orelha.
nois fumo – nós fomos.
nois tamo – nós estamos.
oducaçao – educação.
óio – olhos
oitho – oito.
pobrema – problema.
predeiro – pedreiro.
pfeithura – prefeitura.
qquerdita – acredita.
quaje – quase.
sarrabuiado – usado, velho, sujo.
sastifeito- satisfeito
trabaio – trabalho.
veve – vive.
vrido – vidro.

Samba do “Arnesto”

Canta: Adoniran Barbosa

O Arnesto nos convidô

Pro samba, ele mora do Braz

Nois fumos, não encontremos ninguém

Nois vortemos com uma baita d’uma raiva

Da outra veis

Nois num vai mais

Nois num semos tatu

No ótro dia encontremos com o Arnesto

Que pediu desculpa

Mais nois num aceitamos

Isso num se faz, Arnesto

Nois num se importa

Mais você devia ter pnhado

Um recado na porta.

Êta nois

Ney Matogrosso

Nois se cruzemos na espiral da vida
Mais de uma vez eu tenho consciência
De que na vida não tem coincidência
Nois se gostemo e se tornemo amigo
Mil musca cantemo pros nossos ouvidos
O lazios, bemões, acordes dissonando
Perfeita harmonia ai, ai
Mas um dia chegou
E nois desprivinado
Caímos no chão como dois inimigo
Nos batendo estrupiando
Destruindo o construído
No fundo do tacho um gosto de fel
Mas um dia as abeias
Que voltam todinha
O no milagre da lida
O amor vira mel

Êta nois !!

Saga da asa branca

Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira / Zé Dantas

Quando olhei a terra ardendo
Qual foqueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu
Por que tamanha judiação

Que braseiro que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d' água perdi meu gado
Morreu de sede alazão

"Inté" mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
"Entonce" eu disse; adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
"Entoce" eu disse; adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Quando o verde dos teus olhos
Se espalha na plantação
Eu te asseguro não chore não viu
Que eu voltarei viu, meu coração
Eu te asseguro não chore não viu
Que eu voltarei viu, meu coração

Já faz 3 anos que pro norte relampeia
A asa branca ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas e voltou pro meu sertão
Ai,ai,ai, eu vou-me embora vou cuidar da plantação

A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se "alenbrou"
De mandar chuva pra esse sertão sofredor
Sertão das "muié seria" dos "home trabalhadõ"

Rios correndo as cachoeiras tão zoando
Terra molhada, mato verde que riqueza
E a asa branca tarde canta que beleza
Ai,ai,ai, o povo mais alegre a natureza

Revendo a chuva me "arrecordo" de Rosinha
A linda flor do meu sertão pernambucano
E se a safra não atrapalhar meus planos
Que é que há seu vigário/vou casar no fim do ano

Estrada do sertão

Elba Ramalho

Coisa que não arrenego
Nem tampouco desapega
Ter gostado de você
Foi gostado desenxabido
Encruado, recolhido
De ninguém se aperceber

Matutando vou na estrada
Nos meus óio, a passarada
Faz um ninho pra você

Juriti me espreita triste
E a jandaia não resiste
Chora junto por você

Nos teus óio faz clarão
E é um verde e um azulão
Tié-sangue furta-cor

Que me dá desassossego
Que me suga nem morcego
Mangando que é beija-for

Não me encrespe a vida assim
Já me basta o que de mim
Essa vida caçou

Não me faz essa graça
De me abrir essa gaiola
Pra depois não me prender

Canta firme, juriti
E me entoa uma canção
Sabiá, me roça, aqui, oh, sabiá
Bem de junho ao coração
Pousa aqui, meu colibri
Ver se tu tem pena de eu
Quero ser teu bacuri
Quero ser de vosmecê
Quando mais ce desfeiteia
Me despreza

ATIVIDADES EM SALA DE AULA COM ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR



ATIVIDADES EM SALA

